

AUTODISCERNIMENTO PARADIGMÁTICO

Paradigmatic self-discernment

Eduardo Passamani Fagundes

Resumo: O presente artigo apresenta o conceito *Autodiscernimento Paradigmático*, tópico relevante dentro do campo de pesquisa da transitologia autoparadigmática. Propõe autocientificidade na pesquisa do sistema mentalsomático de referências e se alinha ao autodiscernimento epistêmico necessário para assimilação autocognitiva de neoconhecimentos, que são fundamentais na dinamização evolutiva. O processo de reestruturação do autoparadigma está diretamente ligado à autorreeducação consciencial contínua e permanente de mecanismos e posturas pensênicas, adotado de maneira lúcida e voluntária no modo de perceber e interpretar a realidade, desenvolvendo a flexibilidade cognitiva necessária para o abertismo a neoideias, neoconstructos, neoverpons e neoperspectivas essenciais para a construção do neoparadigma cosmoético futuro, interfaciando ativa e harmonicamente a consciência ao fluxo evolutivo do Cosmos.

Palavras-chave: Autodiscernimento; Autorreeducação consciencial; Autoparadigma; Transitologia paradigmática.

Abstract: This article introduces the concept of Paradigmatic Self-Discernment, a significant topic within the field of paradigmatic transitology research. It advocates for self-scientificity in studying the mentalsomatic system of references and emphasizes the importance of epistemic self-discernment for the self-cognitive assimilation of new knowledge, which is crucial for evolutionary dynamization. The process of restructuring the self-paradigm is closely tied to ongoing consciencial self-reeducation of thosenic mechanisms and postures, adopted consciously and voluntarily for perceiving and interpreting reality. This approach fosters cognitive flexibility, essential for embracing new ideas, constructs, verpons, and perspectives necessary for developing a future cosmoethical neoparadigm. The article explores how this process actively and harmoniously integrates consciousness with the evolutionary flow of the Cosmos.

Keywords: Self-discernment; Consciencial self-reeducation; Self-paradigm; Paradigmatic transitology.

INTRODUÇÃO

O autor escreveu sobre autodiscernimento paradigmático como resultado da sua trajetória evolutiva consciencial e autoexperimentação consciencial dentro da transitologia autoparadigmática. No caso do autor, esse processo pode ser dividido cronologicamente em três partes principais.

Na primeira parte, diagnosticou e enfrentou a síndrome do conflito de paradigmas, desencadeada ao tentar conciliar o paradigma materialista com o consciencial. Na segunda parte,

identificou retroparadigmas religiosos que, de maneira inconsciente, influenciavam seu comportamento e contribuíam para a manifestação de traços-fardo. A terceira parte foi marcada pela pandemia, que atuou como catalisador e sinalizador da importância do autodiscernimento, atributo fundamental para desenvolver a flexibilidade cognitiva necessária para integrar novos conhecimentos ao patrimônio intelectual.

O presente artigo visa contribuir com o projeto de fazer a concepção e a descrição do constructo autodiscernimento paradigmático, sua relação com a autorreeducação consciencial e conseqüentemente autoevolução. Para auxiliar o leitor e ampliar o entendimento sobre o tema, são trazidas as definições já estabelecidas de autodiscernimento e paradigma.

Autodiscernimento é o ato ou efeito de discernir e determinar a capacidade pessoal superior de compreender situações com clareza e exatidão, primeiro, para depois julgar, distinguir, decidir e identificar, separando o lógico do ilógico, o verossímil do inverossímil, o homeostático do caótico, o positivo do negativo, o verdadeiro do falso, o certo do errado, o sadio do patológico, o melhor do péssimo, o ideal do inframedíocre, o prioritário do preterível, o neofílico do neofóbico, o novíssimo do ultrapassado, o joio do trigo, o racional do irracional, a exatidão da ambigüidade, a sensatez da coragem, a prudência da imprudência, além do bom senso, da boa intenção e da boa vontade, capaz de dar maior acerto, justiça, consenso e evolução consciencial às tomadas de decisão e posição da consciência (VIEIRA, 2005, p. 4.569).

Paradigma é o modelo de interpretação da realidade, proposto e reconhecido por um grupo de pessoas durante algum tempo, fornecendo problemas e soluções para a sua comunidade, constituídas de normas, valores e ações do indivíduo, incluindo suas pensenizações (KUNS, 2016, p. 81).

A rigor, a consciência em sua holobiografia construiu em sua matriz mentalsomática vários paradigmas que vão compor o seu autoparadigma. Sendo assim temos um autoparadigma que é multifacetado ou poliédrico, contendo vários paradigmas em seu interior. Esse tópico é aprofundado no transcorrer do artigo. Segue abaixo sua definição:

Autoparadigma é o sistema mentalsomático de referências da consciência, atuando enquanto filtro ou modo de percepção da realidade e conjunto de regras para viver, formado ao longo da holobiografia mediante repetidas ações reforçando modelos vigentes (ZAZLAVSKY, 2019, p. 5.222).

Tratar de paradigmas no âmbito da intraconsciencialidade, requer abordar o processo na perspectiva de transição e não de mudança. A transição autoparadigmática promove gradualmente alterações em toda a manifestação da consciência, e é dentro desse contexto que autodiscernimento paradigmático está inserido.

O **autodiscernimento paradigmático** é o ato reflexivo de discernir, decidir e pesquisar, com autocientificidade, quais paradigmas compõem o sistema mentalsomático de referências, também conhecido como autoparadigma. Este processo envolve autodiagnosticar paradigmas anacrônicos e ultrapassados para sua desconstrução, determinar em quais contextos utilizar aqueles fundamentados na razão, e desenvolver a flexibilidade cognitiva necessária para o abertismo a neoideias, neoconstructos, neoverpons e neoperspectivas. Essa flexibilidade é essencial para a construção do neoparadigma cosmoético futuro.

Pela perspectiva conscienciológica a realidade, e daí o conhecimento novo, é construída da interação para fisiológica entre a consciência e a energia. Os neoconhecimentos são fundamentais na dinamização evolutiva das consciências porque atuam entre outros no processo de reestruturação dos paradigmas pessoais. Para melhor compreensão, no próximo tópico é abordada, de maneira sucinta, a teoria do conhecimento e seus fundamentos.

1. TEORIA DO CONHECIMENTO

A teoria do conhecimento é a área da filosofia que estuda a natureza, a origem, os limites e a validade do conhecimento. Ela investiga questões fundamentais sobre o que é o conhecimento, como ele é adquirido, como podemos saber que algo é verdade e quais são os critérios que justificam essa proposição.

A consciência é a natureza essencial conhecedora, o sujeito conhecedor (cognoscente). Com o desenvolvimento da holomaturidade cresce também a necessidade evolutiva de obter cada vez mais conhecimentos sobre o objeto que se pode conhecer (cognoscível) ou a realidade, seja a realidade intraconsciencial (microuniverso consciencial), a realidade interconsciencial (realidade compartilhada) e a realidade extraconsciencial (macrocosmo multidimensional).

A autoevolução integral da consciência está diretamente relacionada ao interfaceamento interassistencial cosmoético dessas realidades, que representam a essência da dinâmica evolutiva interassistencial egocármica, grupocármica e policármica.

Voltando ao passado a definição clássica de conhecimento, originada em Platão, diz que ele consiste em crença verdadeira e justificada. Tal conceito está representado logo abaixo no diagrama do conhecimento.

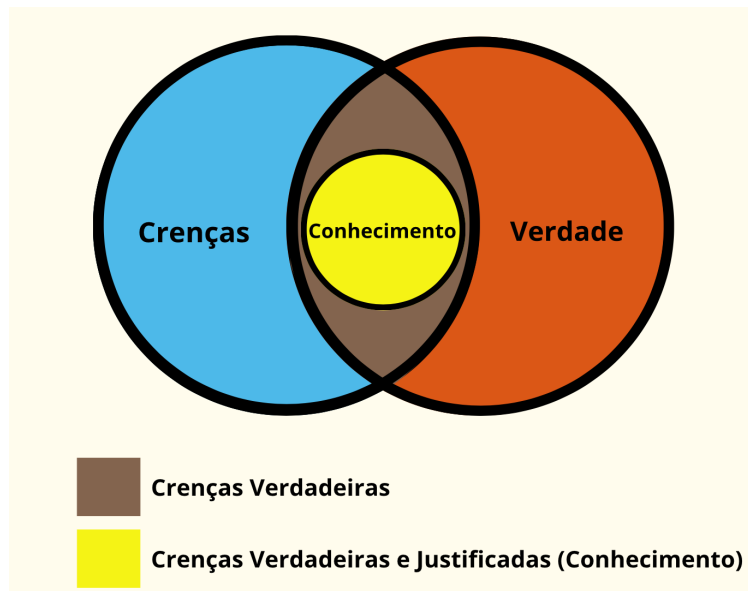


Figura 1: Diagrama do Conhecimento

Fonte: Wikipedia

Em amarelo representa-se o conhecimento como um conjunto de crenças verdadeiras, que foram provadas e justificadas. Em marrom estão as crenças verdadeiras, mas ainda não provadas. Em azul representam-se as crenças falsas, e em vermelho, as verdades desconhecidas.

Apesar do diagrama ser didático, é necessário aos intermissivistas efetivarem a desconstrução cognitiva proposital da palavra verdade, dentro da teoria do conhecimento, visto que este sugere erroneamente a existência de verdades absolutas, tese que historicamente levou a consequências trágicas e letais. O neologismo verpon – verdade relativa de ponta, visa a sua reconstrução mais hígida, promovendo a ressignificação do seu conteúdo, deixando clara a relatividade e a renovação evolutiva do conhecimento. Atualmente a teoria do conhecimento também é denominada epistemologia, como podem ver a seguir.

O termo “epistemologia”, cunhado pelo filósofo escocês James Frederick Ferrier (1808 – 1864), refere-se especificamente à parte da gnosiologia que estuda os requisitos e condições necessários à produção do conhecimento científico, incluindo os fundamentos, a validade, a consistência lógica das teorias e os limites desse conhecimento. Mais recentemente, entretanto, o conceito passou a ser usado, em sentido amplo, como sinônimo de gnosiologia ou teoria do conhecimento - disciplina que se ocupa do estudo do conhecimento humano em geral (Wikipédia).

Na ciência, a compreensão que existem limites, áreas, domínios ou campos específicos para o qual uma teoria, princípio ou modelo foi desenvolvido e validado evita erros epistemológicos na aquisição de conhecimentos científicos válidos. Cada teoria ou modelo tem seus limites de domínio, que indicam as condições sob as quais a teoria é válida e aplicável.

O ponto fundamental da ciência é a aceitação da refutabilidade do conhecimento. O conhecimento científico não é uma cópia da realidade, mas uma representação simbólica sempre imperfeita, porém aperfeiçoável. Um processo de aproximação contínuo que nunca atinge a adequação completa, como diria o filósofo da ciência Thomas Khun, o progresso na ciência não é uma simples reta que conduz à verdade. Trata-se mais de um progresso a distanciar-se de concepções e de interações menos adequadas de mundo.

É inteligência evolutiva expandir o conhecimento sobre as múltiplas realidades como já abordado anteriormente. Dentro desse argumento temos a construção do conceito horizonte da ignorância, que destaca a natureza expansiva do conhecimento humano. Ao resolver perguntas, surgem novas questões, ampliando nosso entendimento e revelando o vasto desconhecido. Esse reconhecimento da própria ignorância promove a humildade intelectual e incentiva a curiosidade e a investigação contínua, refletindo a dinâmica e evolução constante do conhecimento.

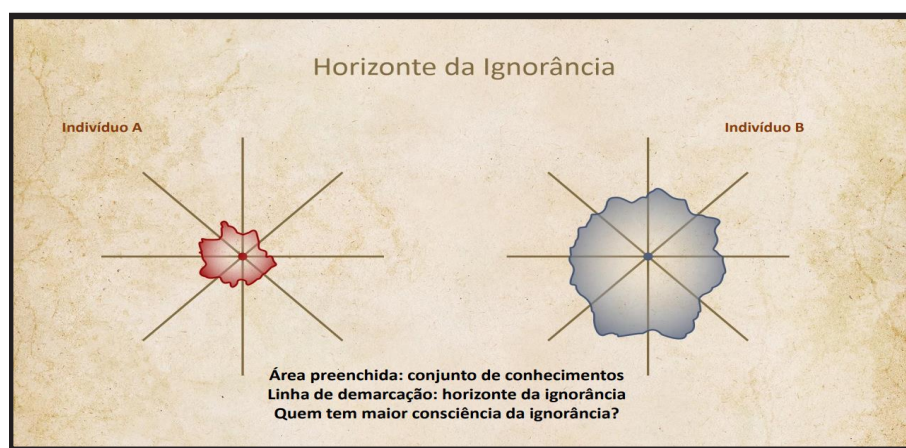


Figura 2: Horizonte da ignorância

Fonte: Programa de Aceleração da Erudição (PAE), Cosmovisão da Antiguidade.

Contra-pondo-se ao horizonte da ignorância, temos o efeito Dunning-Kruger, que descreve como pessoas incompetentes ou ignorantes em uma área não conseguem reconhecer sua própria ignorância. As habilidades necessárias para fornecer a resposta correta são as mesmas que a permitiriam corrigir a resposta errada. Esse fenômeno é comum em várias áreas, nas quais a falta de competência impede a avaliação precisa. O conhecimento limitado sobre um assunto tende a subestimar a complexidade das questões envolvidas e superestimar sua própria competência (Fig. 3).

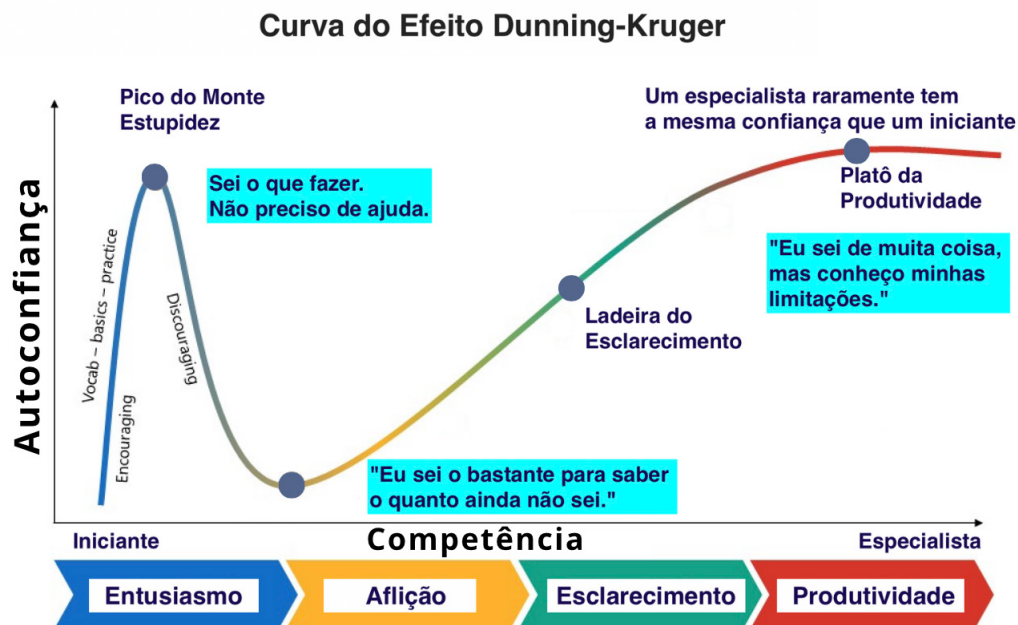


Figura 3: Curva do efeito Dunning-Kruger.

Fonte: Curso Introdução ao Pensamento Científico.

Todo estudo crítico vale o esforço do autodiscernimento pessoal a fim de se alcançar as ideias originais libertárias. É bom refletir pelo menos sobre esta afirmação crua e desafio nosso: se você pensa que o conhecimento exige muito esforço, tente evoluir com a ignorância (VIEIRA, 2012, p.11).

1.2. Definição Tripartite do Conhecimento

A definição clássica de conhecimento remonta aos primórdios da Filosofia, originada também em Platão, discutida mais especificamente na sua obra *Teeteto*, sendo desde então motivo de debate e críticas, tendo sempre mobilizado a epistemologia. A definição *tripartite do conhecimento* se divide em conhecimento procedural ou por habilidade; conhecimento por familiaridade; conhecimento proposicional. A seguir analisaremos nossos usos linguísticos do termo “conhecimento, para esclarecer os três conceitos:

Conhecimento como habilidade (procedural). Expressões do tipo “Ricardo sabe fazer o estado vibracional”. O que significa o verbo saber na expressão anterior? A resposta é clara. “Saber” refere-se a uma dada habilidade, como habilidade, ela não é algo que possamos repassar a outros indivíduos. Ela é algo que será desenvolvida através do treinamento e da repetição.

Conhecimento por familiaridade. Expressões como “Rogério conhece o CEAEC” e “Eduardo conhece a Rochana”. Parece não ser razoável interpretar o uso de “conhecimento” aqui como um uso que se refere à posse de habilidade. Podemos, antes, distinguir aqui um novo tipo de uso: “conhecer”, em tais casos, a ação de distinguir um objeto dentre outros.

Conhecimento proposicional. Trata-se daquele uso que aparece em frases como “Eu sei que minha consciência não é um epifenômeno das interações neuronais do cérebro” ou “Eu sei qual o melhor método para avaliar a eficácia de um tratamento farmacológico”. Enquanto o conhecimento como habilidade pode ser desenvolvido pela repetição e o conhecimento por familiaridade pela convivência, eles não podem, por exemplo, ser transmitidos à distância, através do comportamento verbal, de livros ou produtos culturais semelhantes. Esse é o tipo de conhecimento que nos garante a estabilidade para construção de áreas do saber que chamamos de “ciência”, “filosofia” etc.

1.3 Autoexperiência

A compreensão da autoexperiência é importante conceito subsunçor para o entendimento do valor do conhecimento proposicional ou racional discursivo no processo de ampliação do conhecimento individual e coletivo, e dos seus critérios de verdade.

A autoexperiência é absoluta, não existe nada fora do processamento intraconscencial e como tal é narrada em primeira pessoa. Somos unidades de processamento mapeando a realidade multidimensional através do holossoma, influenciados por uma série de variáveis. A comunicologia nos permite trocar autoexperiências, não sendo necessário em alguns casos a vivência direta e daí a importância dos critérios de verdade.

Por isso as narrativas são pedras angulares do saber do homo sapiens (conscins), somos contadores de histórias por excelência. Através da comunicação interconscencial (corporal, verbal, escrita, parapsíquica), uma consciência pode conduzir as demais em um processo de recriação simbólica de uma realidade que a mesma não experienciou, e assim armazenar esse constructo mnemônico em sua memória.

Essa realidade compartilhada permitiu o acúmulo de conhecimentos geração após geração, em um revezamento interconscencial seriexológico, construindo todo o conhecimento registrado em suas diferentes formas na dimensão intrafísica.

Em resumo, o conhecimento racional-discursivo (proposicional) é crucial para a formulação e comunicação de ideias, que para serem chamadas de conhecimento devem ser rigorosamente avaliadas e justificadas, e não mera opinião ou crença. Desempenhando um papel central no progresso intelectual e científico, principalmente nos campos epistemológicos compartilhados (realidade compartilhada).

1.4 Tipos de Conhecimento

Independentemente dos méritos, seguem 7 vertentes ou linhas essenciais do conhecimento humano que exigem a nossa avaliação e cotejo, na qualidade de experimentadores ou experimentadoras do paradigma consciencial.

1. Conhecimento popular.
2. Conhecimento artístico.
3. Conhecimento mitológico.
4. Conhecimento filosófico.

5. Conhecimento religioso.
6. Conhecimento político.
7. Conhecimento científico.

Partindo-se do pressuposto que conhecimento é o acesso cognitivo à realidade, em contraste com a opinião ou crença, alguns tipos de áreas do saber aí citadas podem inclusive serem contestadas. Ao mesmo tempo ciente de que a ciência não é o único caminho de acesso ao conhecimento e à realidade, um mesmo objeto ou fenômeno pode ser matéria de observação tanto para o cientista quanto para uma pessoa comum. O que leva um ao conhecimento científico e outro ao vulgar ou popular é a forma de observação, a sistematização e o método.

1.5 Critérios de Verdade

Nesse processamento e construção de conhecimento compartilhado, os critérios de verdade são fundamentais. Na antiguidade a filosofia clássica propôs 3 critérios de verdade:

1. Se alguém conhece algo, esse alguém possui uma atitude mental de atribuir veracidade àquilo que conhece.
2. Aquilo que alguém conhece só é realmente conhecimento se for algo verdadeiro.
3. Se alguém conhece algo, deve poder dar razões pelas quais atribui veracidade ao seu conhecimento, diferenciando-o de simples opinião, palpite, devaneio, conjectura etc.

A ciência tradicional busca a atribuição de veracidade do seu conhecimento através do método científico, que é o meio ou caminho para a obtenção do seu conhecimento. Exige processo mostrando por que e como ele foi proposto. É sistemático, rigoroso, descritível, objetivável e replicável. Quanto mais vezes uma teoria for confirmada por repetidos testes, maior a confiança na validade do seu conhecimento.

O método científico refere-se a um conjunto de regras básicas dos procedimentos que produzem o conhecimento científico, quer um novo conhecimento, quer uma correção (evolução) ou um aumento na área de incidência de conhecimentos anteriormente existentes. Na maioria das disciplinas científicas consiste em juntar evidências empíricas verificáveis — baseadas na observação sistemática e controlada, geralmente resultantes de experiências ou pesquisa de campo — e analisá-las com o uso da lógica. Para muitos autores, o método científico nada mais é do que a lógica aplicada à ciência. Os métodos que fornecem as bases lógicas ao conhecimento científico são: método indutivo, método dedutivo, método hipotético-dedutivo, método dialético, método fenomenológico (Wikipedia).

A Conscienciologia é uma neociência que tem como pano de fundo, matriz ou modelo, o conhecimento científico. Possui método próprio, derivado do método científico tradicional, mas com rupturas necessárias a natureza complexa, transcendente e até certo ponto subjetiva do seu objeto de estudo.

Aproveita o que pode das outras vertentes do conhecimento humano, mas se assenta na Ciência, tendo na Consciência o seu instrumento essencial de pesquisa crítica; não é religião; não dogmatiza; não exige juramentos; não faz segredos; não tem “Mestres”; não promete nem exige nada de ninguém (VIEIRA, 1994, p. 73).

2. CONSCIENCIOLOGIA

Como já abordado, a Conscienciologia, similar às demais ciências, vale-se do pensamento científico enquanto lógica normativa, mas exige certa ruptura paradigmática. Tanto em sua ontologia quanto em sua metodologia.

A Ciência convencional restringe seu escopo de investigação ao universo físico tangível, observável e mensurável (a dimensão intrafísica). Tem como ontologia o monismo da energia (matéria), e como modelo de investigação a tríade pesquisador, objeto de estudo e instrumentos de pesquisa tratados distintamente.

A Conscienciologia tem em seu escopo de investigação a realidade multidimensional (multidimensionalidade). Como ontologia, a existência de dois princípios ou realidades não subordináveis e irreduzíveis entre si, compondo toda a realidade: a consciência e a energia (dualismo). Seu modelo de investigação funde pesquisador e objeto de pesquisa, para tal propõe a autopesquisa.

Os critérios de verdade da Conscienciologia são oriundos da teática descrenciológica, ou seja, através da autoexperimentação comprobatória direta. Um dos pontos de partida é a autocomprovação da hipótese do corpo objetivo (psicossoma), para isso propõe a especialidade Projeciologia, para através da projeção de consciência contínua atingir a autocomprovação da própria realidade multidimensional e holossomática.

Tem sua proposição inicial através da sua especialidade Projeciologia em 1981, como subcampo da parapsicologia. Sua consolidação como ciência autônoma ocorre em 1994 com a proposição da Conscienciologia, sendo a Projeciologia uma das suas subespecialidades. Tais fatos podem ser avaliados cronologicamente na *timeline* da figura 4.

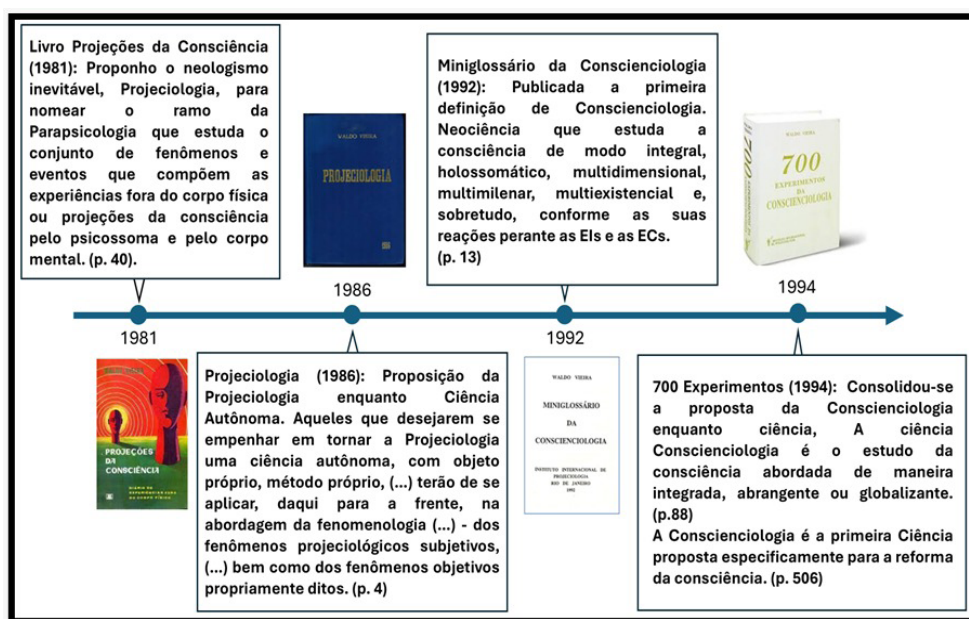


Figura 4: Timeline – Conscienciologia enquanto ciência autônoma.

Fonte: PAE - Fazer científico Conscienciológico (aula inaugural).

Como Ciência, tem domínio próprio. Uma abordagem mais restrita está em sua definição na Enciclopédia da Conscienciologia, na qual já é exposto o seu escopo e extensão de auto e heteropesquisas. Segue abaixo sua definição:

A Conscienciologia é a Ciência aplicada ao estudo da consciência apresentando forma abrangente, integral, multidisciplinar, multicultural, multidimensional, multitemporal, multiexistencial, holopensênica, holomnemônica, holobiográfica, holocármica, holossomática e, sobretudo, segundo as reações perante as energias imanentes (EIs) e as energias conscienciais (ECs), bem como os múltiplos estados, níveis de acuidade e condições de manifestação, através das auto e heteropesquisas dos atributos mentaisomáticos, paracerebrais (Paracerebrologia) e fenômenos conscienciais em geral (VIEIRA, 2006, p. 9.976).

Uma abordagem mais ampla sobre o domínio, escopo ou extensão da teoria proposta pelo paradigma consciencial envolve suas diversas especialidades e subespecialidades relacionadas às várias áreas de estudo da consciência. As especialidades conscienciológicas foram inicialmente propostas no quadro das 70 Especialidades da Conscienciologia, publicado pela primeira vez no Tratado de Projeciologia. Atualmente, a Conscienciologia já conta com mais de 6.700 especialidades registradas no I.C.G.E.

2.1 Autoexperimentação conscienciológica

No artigo *Autoexperimentação Consciencial: O Método Científico Conscienciológico*, Alexandre Zaslavsky propõe a tese de que o método científico conscienciológico de primeira ordem é a Autoexperimentação Consciencial, e dele decorre toda legitimidade do conhecimento conscienciológico. Os demais métodos se apoiam nele, seja de modo prático ou pressuposto. O método da Autoexperimentação Conscienciológica é composto por quatro Pilares:

1. **Princípio da Descrença:** Fundamento básico. Busca de autocentramento, colocando em si próprio o crivo final, o discernimento a partir das experiências pessoais. Disposição a fazer tábula rasa, no mínimo, de crenças prévias em relação ao parapsiquismo e à multidimensionalidade.

A Descrenciologia é a Ciência aplicada ao estudo pessoal, técnico, teático, de dissecação e aferição racional da qualidade, condição ou caráter da autenticidade ou realidade de qualquer assunto, fato, parafato, fenômeno ou parafenômeno, descartando toda postura ou qualquer atitude de credulidade, sem a chancela da autexperimentação ou autovivência específica, ou seja, somente com base no princípio da descrença (VIEIRA, 2006, p. 12.580).

2. **Autoparapsiquismo laico:** Premissa conceitual. É a autovivência e desenvolvimento de percepções extrassensoriais com descrença e racionalidade e sem conotação religiosa ou mística, enquanto fenômeno natural, neutro e parafisiológico.

O heteroparapsiquismo laico, ou seja, a pesquisa parapsíquica feita aos moldes da ciência tradicional, modelo não participativo, aos exemplos da pesquisa psíquica, metapsíquica e parapsicologia, de nada tem a ver com o estudo e desenvolvimento do autoparapsiquismo laico. Isso vale para autoexperiências parapsíquicas em contexto paradigmático religioso, místico ou espiritualista, ou seja, não laicas, portanto, excluem a autoexperimentação conscienciológica, segue *timeline* apresentando algumas dessas abordagens (fig. 5).

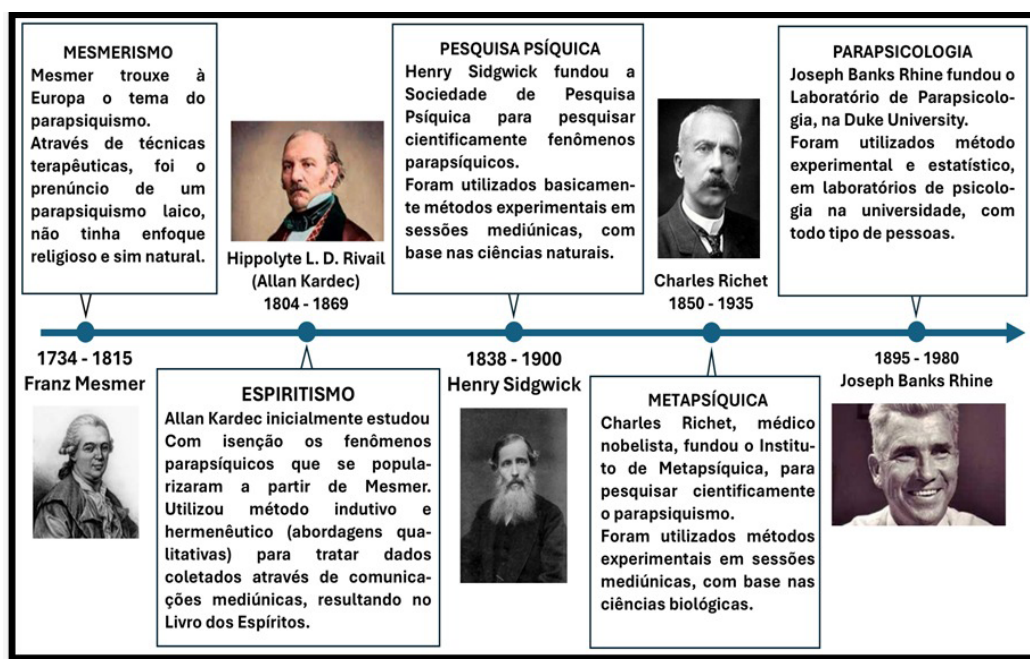


Figura 5: Timeline – Método Científico X Parapsiquismo

Fonte: PAE - Fazer científico Conscienciológico (aula inaugural).

3. **Descoincidência veicular: Técnica básica. Informações não oriundas dos** sentidos físicos são recebidas ou produzidas pelo holossoma descoincidido, as quais constituirão os dados básicos da autoexperimentação propriamente conscienciológica.

Uma perspectiva paraepistemológica é que a natureza dos fenômenos e parafenômenos não está necessariamente ligada ao que tem fora ou dentro da consciência e sim como essas informações são captadas através do nosso holossoma e processadas pela consciência. Até mesmo uma minidescoincidência do psicossoma é passível de promover ampliação paraperceptiva esclarecedora.

4. **Autoevolução:** Princípio normativo - finalidade (télos). O tema da autoexperimentação conscienciológica há de ser autoevolutivo, ou seja, ter também o objetivo de propiciar evolução ao autoexperimentador em algum aspecto.

A autoexperimentação consciencial é orientada pela perspectiva autevolutiva os resultados da pesquisa retroalimentam reciclagens, renovações e mudanças intraconscienciais para melhor. Se o conhecimento conscienciológico é resultante da autoexperimentação consciencial, não é mera descrição de como a consciência funciona. O entendimento do funcionamento intraconsciencial tem finalidade autorreeducaciológica, para acelerar o processo evolutivo (ZAZLAVSKY, 2019, p. 155).

Os conscienciólogos são, ao mesmo tempo, os abolidores do materialismo e do misticismo, através das autoexperimentações, a partir do princípio da descrença (PD) (Vieira, 2014b, p. 43). O método científico se consolidou nos paradigmas fisicalistas. O paradigma consciencial é um desafio à cientificidade, por não ser fisicalista. Os métodos científicos conscienciológicos exigem encarar a experiência pessoal com objetividade pensênica.

À luz da Descrenciologia, sem atitude pesquisística perseverante, associada ao autodiscernimento epistêmico, não há garantia quanto às evidências se concatenarem gerando conhecimentos sólidos, pois a simples exposição às percepções, ou mesmo às parapercepções, pode simplesmente reforçar crenças errôneas (BAZZI, 2024).

3. AUTOPARADIGMA

1.1 Paradigma

O termo, paradigma na acepção atual foi proposto pelo físico e filósofo da ciência Thomas Kuhn, na década de 1960. Definiu-o como conjunto de referenciais teórico-práticos ou matriz disciplinar fundamentando a visão de mundo de uma comunidade científica (Kuhn, 2003). A popularização do termo acabou fazendo seu uso se estender para além da Ciência, a quaisquer formas-padrão de pensar e proceder que orientassem grupos aproximadamente homogêneos de pessoas (Zazlavski, 2019, p. 85).

Esses paradigmas agrupam-se em torno de uma abordagem geral ou concepção que orienta a interpretação da realidade, o desenvolvimento de teorias e a tomada de decisões. Por exemplo, tanto a ciência quanto a filosofia buscam compreender a realidade através da razão e da lógica, enquanto a mitologia e a religião frequentemente se baseiam em narrativas e crenças para explicar a existência e o cosmos.

Podemos afirmar a existência desses paradigmas amplos que abrangem as grandes áreas do conhecimento humano, como já abordado no item 1.4. Seguem abaixo quatro definições de tipos diferentes de paradigmas para contextualizar o entendimento do constructo paradigma:

1. Paradigma Mitológico. Trata-se de um modelo primitivo de interpretação da realidade alicerçado no dogma, idolatria, conjecturas, credences, narrativas irracionais, folclore, fábulas, lendas, sagas, superstições e arquétipos, empregadas na tentativa de interpretar realidades diversas a exemplo da criação, da origem ou dos primórdios de algo, alguém ou do próprio Universo, transmitido ao longo do tempo na forma de narrativas e histórias

2. Paradigma filosófico. Conjunto de estudos, reflexões ou considerações, que se utiliza da razão enquanto filtro ou modelo de percepção da realidade, procurando explicar o Universo, as forças naturais operando dentro dele, a finalidade da existência, a maneira correta de organizar e viver a própria vida, a relação do homem com o Universo, e a relação do homem com o homem. Funciona em geral como conhecimento coadjuvante.

3. Paradigma religioso. Conjunto de ideias doutrinárias de dogmas e ritos, que se utiliza da crença enquanto filtro ou modelo de percepção da realidade no qual entram a fé, cultos, ritos; a verdade sagrada; a teologia; o ato de acreditar sem averiguar; as verdades absolutas inverificáveis dos dogmas irracionais; o exclusivismo; o salvacionismo; a santificação, a fascinação de grupo; o sectarismo.

4. Paradigma científico. É o modelo de interpretação da realidade fundamentado na observação sistemática, experimentação controlada e verificação empírica. Este paradigma busca entender o universo através de proposições testáveis e falseáveis, utilizando métodos rigorosos

e padronizados para garantir a objetividade e a replicabilidade dos resultados. Caracteriza-se pela sua natureza falível e contingente, onde teorias e hipóteses são constantemente reavaliadas e atualizadas à luz de novas evidências, onde as verdades são relativas.

1.2 O multifacetado autoperadigma

Existem paradigmas para diferentes tipos de conhecimento, muitos dos quais não abordados aqui, cada qual possuindo características basilares unificadoras. Cada um deles com subcategorias de paradigmas próprios.

A rigor, a consciência em sua holobiografia construiu em sua matriz mentalsomática não apenas um paradigma, mas vários, e são esses conjuntos de paradigmas que formam o autoperadigma que é, portanto, multifacetado ou poliédrico, como pode ser observado na figura 6.

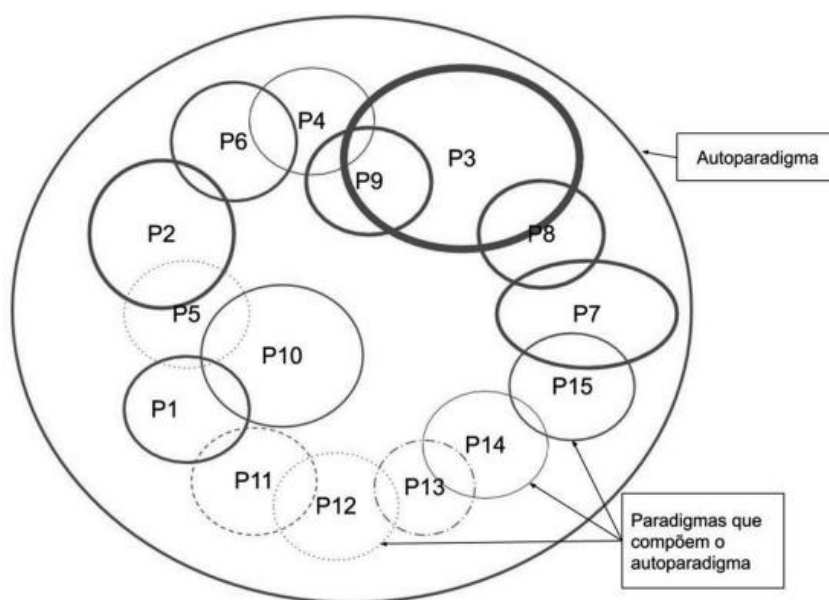


Figura 6: Autoperadigma formado por vários paradigmas

Fonte: ZASLAVSKY, Alexandre *et al.*; Diagrama de Transição Autoperadigmática. P. 87.

A figura 06 ilustra a coexistência de diversos paradigmas na intraconsciencialidade. O tamanho e espessura representam a intensidade de atuação. Em linhas tracejadas, os menos atuantes, em processo de superação mais avançado ou ainda os insipientes, recentes em processo de consolidação. Os círculos menores dentro do círculo principal representam paradigmas que compõem o autoperadigma, aí identificados pela letra P e um número (ZASLAVSKY, *et al.*, 2019).

É comum dentro de um mesmo paradigma coexistirem modelos paradigmáticos distintos para serem usados em contextos diferentes, pela falta de uma teoria unificadora. Por exemplo, dentro do paradigma científico a mecânica quântica é adequada para descrever fenômenos em escalas subatômicas, onde as partículas exibem comportamentos como superposição e entrelaçamento. A física de Newton é válida para objetos macroscópicos em velocidades não relativísticas, como o movimento de carros e planetas. A relatividade geral de Einstein, por sua vez, aplica-se a escalas cosmológicas e situações com intensos campos gravitacionais, descrevendo

a curvatura do espaço-tempo.

Além disso, dentro de um mesmo paradigma novas teorias emergem, seja a partir de novas evidências, anomalias, ou abordagens alternativas para explicar determinados fenômenos. Essas teorias competem pela aceitação dentro da comunidade que compartilha esse paradigma.

Na comunidade científica, essas novas teorias serão testadas, refutadas ou confirmadas. No paradigma religioso pode ocorrer cisma, divisão ou ruptura dentro da comunidade, resultando na formação de grupos distintos que podem seguir doutrinas, práticas ou lideranças diferentes.

Ou seja, as incoerências e discordâncias são comuns dentro de um mesmo tipo de conhecimento ou paradigma. Por exemplo, no campo da política (paradigma político), coexistem distintas ideologias políticas discordantes entre si. Da mesma forma, no paradigma religioso, o judaísmo, o cristianismo e o islamismo compartilham raízes históricas e alguns princípios éticos, mas diferem significativamente em suas crenças, práticas e interpretações teológicas.

Temos o viés de acreditar que nosso funcionamento consciencial está coerente ao paradigma mais usado e reforçado pelo acoplamento estrutural com a mesologia atual e negligenciar os construídos ao longo da serialidade existencial, os quais ficam influenciando, muitas vezes despercebido, os demais.

O esclarecimento de que nosso sistema mentalsomático de referência, é composto por diferentes paradigmas, inclusive com certo grau de incoerência entre si, é fundamental para compreender a nossa dinâmica de interação com a realidade. Em diferentes contextos podemos manifestar diferentes mecanismos paradigmáticos, de modo consciente ou inconsciente.

As autopesquisas exaustivas da serialidade multiexistencial pessoal são informações valiosas, e servem como indicadores de possíveis mecanismos paradigmáticos inconscientes. Quanto mais energia e tempo forem despendidos com determinado paradigma, mais esse paradigma tende a se interiorizar e se fixar no mentalsoma da consciência.

O pensamento científico é uma criação humana recente, dos últimos 4 séculos. Devido à sua recente formação, o paradigma científico e o pensamento científico ainda são *mecanismos de funcionamento consciencial* incipientes em comparação com paradigmas milenares, já profundamente introjetados na consciência. Isso faz com que muitos cientistas, inconscientes de seus paradigmas retrógrados, manifestem um comportamento dogmático, com alguns cientistas e escolas científicas oligárquicas assemelhando-se a seitas religiosas.

Como já abordado na introdução, devemos abordar o processo de reestruturação autoparadigmática na perspectiva de transição e não de mudança.

4. TRANSITOLOGIA AUTOPARADIGMÁTICA

A transitologia autoparadigmática é o estudo da autovivência, progressiva e contínua, da alternância entre modelos de referência mentaissomáticos, organizadores da manifestação consciencial, com raiz em sistemas de pensamento históricos, consistindo em fulcro recinológico pessoal (ZASLAVSKY, 2021, p. 33.188).

A transitologia autoparadigmática como já abordado na introdução se tornou tema de autopesquisa do autor por diferentes contextos, que são abordados a seguir:

1. Consciencioterapia intensivo em Foz de Iguaçu (2013): Auxiliando no autodiagnóstico da síndrome de conflito de paradigmas, ao tentar encaixar a Conscienciologia dentro do paradigma científico tradicional.

2. Pandemia (2020-2023): como catalisador da importância do autodiscernimento, do consenso da Ciência, do combate ao negacionismo e do esclarecimento a desinformação gerada por falácias, *fake news*, falsas polêmicas, pseudociência, tão comum nos tempos atuais de pós-verdade.

3. Consciencioterapia on-line (2021): auxiliando no autodiagnóstico da síndrome da autossantificação. Paradigma retrógrado, influenciando inconscientemente toda a manifestação.

4. Participação em dinâmicas parapsíquicas 2011 a 2024: Em uma dinâmica parapsíquica realizada em 17/02/2024, em Vitória-ES, o autor recebeu uma inspiração extrafísica para escrever um artigo sobre autodiscernimento, metapensividade e síndrome do oráculo – uma condição que ele desconhecia até então. Ao chegar em casa e pesquisar, descobriu que o termo “síndrome do oráculo” já era um verbete da enciclopédia da Conscienciologia.

4.1 Extrapolação paradigmática indevida

A “extrapolação paradigmática indevida” refere-se a um erro epistemológico no qual os princípios, teorias ou leis desenvolvidas para um domínio específico são aplicados fora desse domínio sem uma justificação adequada. Esse conceito está relacionado à aplicação incorreta de conhecimentos ou modelos em situações para as quais esses conhecimentos ou modelos não foram originalmente destinados.

Um exemplo clássico é usar o paradigma da física quântica e transpor suas leis, princípios e teorias para realidade macroscópica, um verdadeiro *ouro de tolo*, muito comum no misticismo quântico, que distancia o pesquisador da realidade.

Outro exemplo de extrapolação paradigmática indevida é confundir o experimento em si mesmo da ciência tradicional com a autoexperimentação consciencial já abordada ao longo do artigo. Embora existam pontes interparadigmáticas entre os dois métodos, eles possuem campos de domínio, aplicabilidade e validade diferentes. Cada abordagem tem seu contexto e utilidade específica, e misturá-las pode levar a conclusões errôneas e interpretações inadequadas.

Especificamente na área médica, o método autoexperimental convencional tem uma longa história de pesquisadores que se voluntariaram para testar tratamentos, vacinas e técnicas cirúrgicas em si mesmos. Alguns laureados com prêmios Nobel em sua época.

Com a expansão do horizonte de conhecimentos da epidemiologia clínica, que visa desenvolver e aplicar métodos de observação clínica para conclusões válidas, essa prática se mostrou metodologicamente falha e eticamente problemática. Ensaio clínico bem desenhado, com amostras representativas, grupos de controle, randomização e cegamento, são agora essenciais para avaliar a eficácia e segurança dos medicamentos de maneira rigorosa e confiável.

Um exemplo notável da importância de uma metodologia clara e científica é o caso de Bill Silverman. Em 1949, ele utilizou o ACTH em bebês prematuros com retinopatia da prematuridade e observou um grande “sucesso” inicial, onde 70% dos bebês que usaram ACTH se recuperaram, uma taxa superior a outros hospitais. No entanto, Silverman questionou sua própria conduta e realizou um ensaio controlado aleatorizado, que revelou que 80% dos bebês do grupo controle (que não usou o ACTH) se recuperaram. Isso indicou que a melhora era devido à evolução natural da doença e à qualidade dos cuidados do seu hospital em comparação com os demais. Na verdade, a intervenção com ACTH piorava os desfechos.

Esse é um exemplo da importância de reduzir vieses e distorções no método científico convencional. Ao reconhecer a possibilidade de erro e realizar mais pesquisas, Silverman se tornou uma referência de humildade científica, com prêmios em seu nome para cientistas que revisam suas hipóteses erradas.

O autodiscernimento epistêmico, proposto pelo professor Munir Bazzi, é uma ferramenta na busca lúcida dos intermissivistas por neoconhecimentos, seja no campo das verpons primárias, secundárias ou terciárias.

O autodiscernimento epistêmico é o ato ou efeito de aplicar o juízo crítico minucioso sobre o acervo pessoal de conhecimentos, assim como sobre candidatos a novos conhecimentos a serem integrados ao patrimônio intelectual, examinando a pertinência e a qualidade das evidências, a exatidão lógica das conclusões e a interferência de vieses ou distorções, de modo a assentir sobre a verdade das cognições com a máxima racionalidade, segundo o nível evolutivo pessoal (BAZZI, 2024).

4.2 Extrapolação paradigmática ampliadora

Dentro da transitologia autoparadigmática, a extrapolação paradigmática ampliadora é uma tese segundo a qual a mudança de paradigma não implica necessariamente no abandono ou desprezo de paradigma anterior. Com isso os conhecimentos, técnicas e métodos previamente consolidados podem e devem ser utilizados como alicerces para a construção de novos entendimentos, produção de neoconceitos e avanços epistemológicos.

Por exemplo, a pesquisadora Adriana Kauati escreveu sobre autopesquisa através da extrapolação interparadigmática (Kauati, 2016), em que conceitos de um paradigma são aproveitados e ampliados de acordo com os novos fundamentos paradigmáticos propostos.

Ao aprofundar as autopesquisas, a autora percebeu necessidade de qualificação técnica e científica do processo autopesquisístico, passou a priorizar a temática autocientificidade, neoabordagem do tema cientificidade dentro do paradigma consciencial. A definição de autocientificidade encontra-se a seguir:

A autocientificidade é a qualidade do autoconhecimento e do modo sistemático e teático de adquiri-lo, sem crenças ou dogmatismos, obtido pela investigação contínua da própria consciência, com enfoque multidimensional, multiveicular, multiexistencial, cosmoético e pró-evolutivo, utilizando técnicas autopesquisísticas e conscienciométricas com rigor metodológico (KAUATI, 2018, p. 2.557).

4.3 Síndrome de conflito de paradigmas

A síndrome de conflito de paradigmas é caracterizada pela crise intraconsciencial gerada diante da dificuldade quanto a vivenciar o paradigma consciencial em razão do apego, consciante ou inconsciente, ao paradigma pessoal obsoleto (REMEDIOS, 2012, p. 30.666).

Como já abordado no artigo, todos os modelos de pensenização paradigmática do sistema mentalsomático podem gerar incompatibilidades com o paradigma consciencial, devido às diferentes abordagens da realidade, podendo ser o desencadeador do quadro sindrômico.

Quando pensamos em paraterapêutica é preferencialmente indicado aplicação técnica e autoconsciente dos valores evolutivos pessoais, desconstrução dos anacronismos e identificação das fissuras cosmoéticas, trabalhando as autocorrupções e incoerências.

4.4 Síndrome da Autossantificação

A síndrome da autossantificação é caracterizada pelo quadro clínico no qual predomina o distúrbio da conscin imatura, rendida, de modo ingênuo ou melífluo, à defesa permanente e prioritária da própria imagem pública, emoldurada pela auréola da santidade (VIEIRA, 2010, p. 30.486).

O autor Marcelo da Luz em sua obra “Onde a Religião Termina?”, capítulo 7, propõe avaliação conscienciométrica de sete axiais traços patológicos, característicos de consciências que se propuseram a seguir trilha patológica e idealizada de santidade, ao longo da serialidade existencial que são: *narcisismo, perfeccionismo, culpabilidade, arrogância, cupidez, repressão e medo*.

Outro tema de leitura importante para se aprofundar na temática é o verbete *Paraterapêutica da Pensividade Religiosa* do *Dicionário de Consciencioterapia*. Nele, é esclarecido que no evoluciente com tendência à autossantificação, observa-se a preocupação excessiva com a opinião alheia, a necessidade de agradar e de ser reconhecido, o medo de errar e não ser aceito. Isso frequentemente leva à inautenticidade, ao escondimento de tráfes e ao uso de justificativas para ocultar falhas e imperfeições, que são incompatíveis com a imagem idealizada de santo. Sob a ilusão do perfeccionismo, manifesta-se o traço da arrogância, com a pessoa se considerando superior aos demais. O sentimento de ser uma pessoa especial, associado à ideia de salvacionismo, também é comum, gerando conflitos com nuances de culpa e insegurança por não conseguir sustentar tal ideal nem corresponder às expectativas externas.

4.5 Síndrome do oráculo

A síndrome do oráculo é caracterizada por conjunto de sinais e sintomas manifestos pela consciência, intra ou extrafísica, na sustentação recalcitrante de hábito patológico em expor previsões, vaticínios e informações de base paraperceptiva e parafenomênica com viés amador, imprudente e egóico (KRAUTHEIM, 2014, p. 30.734).

A leitura do verbete e materiais que falem sobre a síndrome do oráculo, é leitura útil para os participantes de dinâmicas parapsíquicas, professores de Conscienciologia e parapsíquicos de modo geral.

O *core conscienciológico* é centrado na evoluciologia, na interassistencialidade tarística, no estímulo à autonomia evolutiva e fundamentada na teática descenciológica. Para atingir esses objetivos, é essencial desenvolver a intelectualidade, aprimorar a comunicabilidade e promover a autorreeducação parapsíquica, visando a atualização equilibrada das três habilidades fundamentais da tridotação consciencial: intelectualidade, comunicabilidade e parapsiquismo.

5. LABCON PESSOAL

Após o restringimento ressomático, este autor acessou o paradigma consciencial somente na fase adulta, após crise existencial, por se distanciar dos valores evolutivos pessoais. Recuperou cons intermissivos, realizou viragem evolutiva e implementou mudanças no discernimento e no próprio patamar evolutivo. Dentro desse contexto, iniciou sua transição autoparadigmática.

A Consciencioterapia através do *ciclo consciencioterápico* aplicado pelo autor evoluciente, caracterizado pela experimentação das etapas de *autoinvestigação, autodiagnóstico, autoenfrentamento e autossuperação consciencioterápica* foi um dos métodos utilizados para o diagnóstico da síndrome de conflito de paradigmas e da síndrome da autossantificação.

Como já abordado, a síndrome de conflito de paradigmas do autor foi desencadeada por tentar compatibilizar modelos de pensenização paradigmática da ciência materialista com o paradigma consciencial. A banalização do autodiagnóstico e o não autoenfrentamento adequado do quadro sindrômico contribuiu concomitante a outros fatores à minidissidência, pausa na tenepes e desvio da autoproéxis.

O realinhamento proexológico veio após dessoma de parente e sensação de menos valia, desencadeada pelo distanciamento dos valores evolutivos pessoais, entre outros a assistencialidade. Saber que possuía os atributos, conhecimentos paratécnicos e habilidades necessárias para atuar na assistência pós-dessomática, serviu como autoencantoamento cosmoético, para enfrentar as autocorrupções. O autor se posicionou e disponibilizou aos amparadores para auxiliar no que fosse preciso. Dias depois da dessoma, durante trabalho com as bioenergias (MBE) a equipex trouxeram a consciex agora recém dessomada em sono extrafísico, para ser atendida nos trabalhos de energia que estava realizando. Após a assistência concluída, reassumiu o compromisso tenepessológico com equipex, sendo retomador de tarefa desde então.

Como explicado, nosso autoparadigma é multifacetado. Apesar da autossuperação do conflito de paradigma (ciência tradicional e Conscienciologia), retroparadigmas que já estavam presentes e se manifestando inconscientemente, e percebidos somente na forma de tráfes, começaram a ganhar força.

Em novo ciclo autoconsciencioterápico na condição de evoluciente, a etapa de *autoinvestigação* teve como alicerce a *técnica do diário autoconsciencioterápico*, onde inicialmente foi utilizada técnica conscienciométrica de listagem dos traços pessoais e outras técnicas de autoinvestigação dispostas a seguir (técnica da percepção das justificativas, técnica do enfrentamento do mal-estar, técnica da ampliação das parapercepções, técnica da checagem pensênica e técnica do autoinvestimento contínuo). A partir desses dados, foi levantada hipótese de temperamento pessoal e necessidade de reeducação consciencial de diferentes padrões pensênicos patológicos.

Durante participação de debate para construção dos verbetes do *Dicionário de Consciencioterapia*, onde foram abordados os verbetes rigidez energossomática, tergiversação e paraterapêutica da pensenidade religiosa, ficou claro para o autor o autodiagnóstico da síndrome da autossantificação, construído ao longo da holobiografia em paradigma religioso, já acessado em retrocognições anteriores. O autoenfrentamento se mantém através de autoprescrições, abor-dando os tráfes axiais da síndrome já abordados, alguns atrelados ao temperamento.

A docência conscienciológica tem auxiliado o autor significativamente nesses autoenfrentamentos. Ao compartilhar neoconhecimentos e experiências pessoais com os alunos, conscins ou consciexes, é constantemente desafiado a confrontar e desmistificar a idealização de perfeição, promovendo maior autenticidade e transparência no seu processo evolutivo, incentivando a teática descenciológica e a autonomia evolutiva propostas pelo paradigma consciencial.

Entrando agora na temática de um dos 20 megatributos propulsores da evolução, o Autodiscernimento, para o autor, a pandemia de Covid-19 foi um sinalizador proexológico da importância da pesquisa sobre o tema. Seguem duas casuísticas que marcaram o autor.

Em 2020 no transcorrer da pandemia, durante o curso fundamentos da evoluciologia do CEAEC, ouviu um professor correlacionar o *princípio da descença*. “Não acredite em nada, nem mesmo no que lhe informarem aqui. EXPERIMENTE. Tenha suas próprias experiências.” e a eficácia farmacológica no combate a Covid. Apesar de não saber expressar isso naquele momento, ficou claro para mim que era um erro epistemológico, tema que defendo no artigo na temática extrapolação paradigmática indevida.

Ainda durante a pandemia, ao participar do Programa de Aceleração da Erudição (PAE) em 2021, com tema Ética e Cosmoética, a professora que ministrou a aula sobre a obra “Eichmann em Jerusalém, um relato sobre a banalidade do mal”, de Hannah Arendt, preparou um material prévio em padlet.com, com leituras para ajudar os alunos a se conectarem ao tema, incentivando-os a descrever situações atuais que representassem a banalidade do mal.

Nessa atividade, o autor elaborou e publicou um texto que já possuía de maneira embrionária algumas das ideias presentes neste artigo, ao explorar o autodiscernimento como uma profilaxia à banalidade do mal, relacionando essa capacidade crítica com a produção de conhecimento científico válido. Apesar de não estarem citados, o conteúdo se conecta com os temas horizonte da ignorância, efeito Dunning-Kruger, o negacionismo, o autodiscernimento epistêmico e a extrapolação paradigmática indevida.

Finalizando os eventos que impactaram o autor durante a pandemia, destaca-se o posicionamento do Colegiado da Conscienciologia em um momento crítico, durante o Areópago Conscienciológico 56, transmitido em 26 de fevereiro de 2022, que abordou o tema do negacionismo. Esse episódio reforçou a relevância do autodiscernimento, para o autor.

Segundo a Raciocinologia, os estudos teáticos aprofundados e extensivos do *Corpus* da Conscienciologia disponibilizam ao intermissivista empenhado, verdadeiros esteios cognitivos de coerência e racionalidade, passíveis de sustentar, promover e desenvolver o autodiscernimento (Balthazar et al, 2022, p. 1).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O autor escreveu sobre autodiscernimento paradigmático como resultado de uma trajetória pessoal conscienciológica. Ao longo dessa jornada, o autor autodiagnosticou quadros síndrômicos paradigmáticos. O autodiscernimento paradigmático, aliado à autocientificidade, permitiu ao autor flexibilizar sua cognição e abrir-se a novas ideias e perspectivas (neoideias, neoconstructos, neoverpons), facilitando a construção ainda incipiente de um neoparadigma cosmoético.

Essa flexibilidade cognitiva e a abertura para a autorreeducação consciencial contínua auxiliaram o autor a autodiagnosticar e corrigir posturas pensênicas anacrônicas, de maneira lúcida e voluntária, acelerando seus autoenfrentamentos, através dos métodos e técnicas específicos do paradigma consciencial. Esse processo qualifica a força presencial do docente de Conscienciologia, auxiliando a descensão cosmoética, necessária para transição da condição imatura do egocentrismo para o altruísmo sem retorno. Isso amplia o contato com a equipex amparadora, já que o foco passa a ser a interassistência, e não mais o foco apenas em si mesmo. A docência conscienciológica, interligada à tenepes, torna-se catalisadora para acertos grupocármicos e para um neoposicionamento cosmoético multidimensional.

Em resumo, a combinação de autodiscernimento paradigmático e autorreeducação consciencial é uma prioridade para todas as consciências. A produção de gescons pelos intermissivistas, de maneira consciente e deliberada quanto à transitologia autoparadigmática, deverá, ao longo do tempo, fundamentar a paraepistemologia e a parametodologia da Conscienciologia como uma ciência multidimensional geradora de neopilares no sistema mentalsomático de referências dos intermissivistas.

REFERÊNCIAS

Livros

- KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. 10. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- KUNS, Guilherme. **Manual do materpensene**. 1a Ed. Foz do Iguaçu, Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC), Editares, 2016. p. 81-83.
- LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 9a Ed. Rio de Janeiro, Editora Atlas, 2013. p. 73, 67-74.
- LUZ, Alexandre Meyer. **Conhecimento e Justificação, problemas de epistemologia contemporânea**. 1a Ed. Pelotas, Dissertatio Filosofia, 2013. p. 15-16.
- LUZ, Marcelo da. **Onde a Religião Termina?.** 1a Ed. Foz do Iguaçu, Editares, 2011, pág.158.
- NADER, Rosa. **Manual de verbetografia**. 1a Ed. Foz do Iguaçu, Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC), Editares, 2012. p. 10.
- REMEDIOS, Juliana & ALMEIDA, Marco & HAYMANN, Maximiliano. **Dicionário de Consciencioterapeuticologia**. 1a Ed. Foz do Iguaçu, Editares, 2022. p. 252, 281, 669, 670, 797, 1.097.
- VERNET, Oswaldo. **Descrenciograma, fundamentação teática**. 1ª Ed. Foz do Iguaçu, Editares, 2020. p. 23-25, 31-32, 39, 60-62, 73.
- VIEIRA, Waldo. **Dicionário de Neologismos da Conscienciologia**. 1ª Ed. Foz do Iguaçu, Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC), Editares, 2014. p. 564.
- _____. **Homo sapiens reurbanisatus**. 2ª Ed. Foz do Iguaçu, Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC), Editares, 2003. p. 376.
- _____. **Homo sapiens pacificus**. 3ª Ed. Foz do Iguaçu, Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC), Editares, 2007. p. 31.
- _____. **Nossa Evolução**. 3a Ed. Foz do Iguaçu, Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC), Editares, 2012. p. 11.
- _____. **700 Experimentos da Conscienciologia**. 3a Ed. Foz do Iguaçu, Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC), Editares, 2013. p.73.

Artigos em periódicos

- ALMEIDA, Roberto. *Dinâmica Evolutiva Verponológica*, **Conscientia**, 11(S2): julho, 2007.
- ZASLAVSKY, Alexandre *et al.*; *Diagrama de Transição Autoparadigmática*, **Interparadigmas**, Ano 7, N. 7, 2019, p. 155.

Materiais disponíveis em meio eletrônico

- BALTHAZAR, A., BUENO, R. DAOU, D., MANFROI, N., NADER, R., POLIZEL, C. Colegiado de Conscienciologia. Negacionismo. 56º Areópago Conscienciológico. 26/02/2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=K8uYRYZmvOQ>>. Acesso em 27 de junho de 2024.
- Programa de Aceleração da Erudição (PAE), fazer científico conscienciológico, aula inaugural Site. Disponível em: <<https://www.reaprendentia.org/>>. Acesso em 27 de junho de 2024.
- Programa de Aceleração da Erudição (PAE), cosmovisão da antiguidade, aula inaugural Site. Disponível em: <<https://www.reaprendentia.org/>>. Acesso em 27 de junho de 2024.
- Como pensar como cientista, o método científico e os limites do conhecimento (Marcelo Gleiser). Módulo 03: O mapa e o território. Site. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oiprAWVcmiI>>. Acesso em 27 de junho de 2024.

Introdução ao pensamento científico. Site. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Vl9mA-JOKgfc&list=PLwuQ8NLb7eeymx7StrWweSoR_IgEHbB1W>. Acesso em 27 de junho de 2024.

Espiritualidade baseada em evidências. Site. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gM7k-Fnp7zMg&t=3543s>>. Acesso em 27 de junho de 2024.

Não existe realidade fora da mente (Sem groselha podcast). Site. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QEv_1MWpJ2g&t=8283s>. Acesso em 27 de junho de 2024.

Areópago Conscienciológico 56, negacionismo. Site. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=K8uYRYZmvOQ>>. Acesso em 27 de junho de 2024.

Verbetes da Enciclopédia da Conscienciologia

COVER, Marcelo Cover (M.P.C). **Interação Autodiscernimento Realismo**. In: Vieira, Waldo; **Enciclopédia da Conscienciologia**. Edição online. Disponível em: <<http://www.tertuliaconscienciologia.org>>. Acesso em 27 de junho de 2024.

VIEIRA, Waldo. **Enciclopédia da Conscienciologia Eletrônica**. 8ª Ed. Digital. Foz do Iguaçu, PR, Associação Internacional Editares; Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC), 2013 (Verbetes: **Flexibilidade Cognitiva, Paraconstructura, Síndrome da Autossantificação**).

DAOU, Dulce (D.D.). **Minidescoincidência Macrovisiológica**. In: Vieira, Waldo; **Enciclopédia da Conscienciologia**. Edição online. Disponível em: <<http://www.tertuliaconscienciologia.org>>. Acesso em 27 de junho de 2024.

BAZZI, Munir Bazzi (M.B). **Autodiscernimento Epistêmico**. In: Vieira, Waldo; **Enciclopédia da Conscienciologia**. Edição online. Disponível em: <<http://www.tertuliaconscienciologia.org>>. Acesso em 27 de junho de 2024.

REMEDIOS, Juliana dos (J.R.C.). **Síndrome do Conflito de Paradigmas**. In: Vieira, Waldo; **Enciclopédia da Conscienciologia**. Edição online. Disponível em: <<http://www.tertuliaconscienciologia.org>>. Acesso em 27 de junho de 2024.

KRAUTHEIM, Rodolfo (R.K.N.). **Síndrome do Oráculo**. In: Vieira, Waldo; **Enciclopédia da Conscienciologia**. Edição online. Disponível em: <<http://www.tertuliaconscienciologia.org>>. Acesso em 27 de junho de 2024.

PINHEIRO, Rute (R.R.P.). **Autencantoamento Cosmoético**. In: Vieira, Waldo; **Enciclopédia da Conscienciologia**. Edição online. Disponível em: <<http://www.tertuliaconscienciologia.org>>. Acesso em 27 de junho de 2024.

ZASLAVSKY, Alexandre (A.Z). **Autoparadigma**. In: Vieira, Waldo; **Enciclopédia da Conscienciologia**. Edição online. Disponível em: <<http://www.tertuliaconscienciologia.org>>. Acesso em 27 de junho de 2024.

_____. **Transitologia paradigmática**. In: Vieira, Waldo; **Enciclopédia da Conscienciologia**. Edição online. Disponível em: <<http://www.tertuliaconscienciologia.org>>. Acesso em 27 de junho de 2024.

Eduardo Passamani Fagundes, médico, voluntário da Conscienciologia desde 2011, e da Reaprendentia desde 2019, docente de Conscienciologia desde 2019, tenepessista retomador de tarefa desde 2018. E-mail: eduardopassamani@reaprendentia.org.